



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.

Sub-eixo: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos.

TRAJETÓRIAS HUMANAS, SIGNIFICADOS E EXPRESSÕES COTIDIANAS: MEDIações ESTABELECIDAS ENTRE A PRÁTICA PROFISSIONAL NO ÂMBITO DO SERVIÇO SOCIAL E A PROXIMIDADE COM OS ESPAÇOS URBANOS DE SOCIABILIDADE

ANDRÉ KATSUYOSHI MISAKA¹

Resumo: Apresentar as alianças das propostas metodológicas, bem como dos pensadores e pensadoras que discutem a temática da sociabilidade nos territórios ocupados, e a sua vinculação a identidade profissional da categoria de trabalhadores e trabalhadoras do Serviço Social, é o sentido deste ensaio acadêmico. É trabalho intelectual de profunda relação com o binômio ensino-pesquisa, com vistas a potencializar o processo do conhecimento, e, conseqüentemente, a estruturação do saber científico necessário à categoria profissional demarcada historicamente em solo brasileiro.

Palavras-chave: Identidade; Serviço Social; Sociabilidade; Trabalho.

Abstract: It is the meaning of this academic essay to present the alliances of methodological proposals, as well as of thinkers who discuss the issue of sociability in the occupied territories, and their link to the professional identity of the category of social workers. It is an intellectual work of deep relation with the teaching-research binomial, with a view to enhancing the knowledge process, and, consequently, the structuring of scientific knowledge required by the professional category historically demarcated in Brazilian soil.

Keywords: Identity; Social Work; Sociability; Job.

I. INTRODUÇÃO

Se abandonarmos o ponto de vista da sociedade em geral e abordarmos a questão sob o ângulo de determinações específicas que a tornam concreta, essas determinações específicas tornar-se-iam uma mera potência, uma simples vocação. Elas tornam-se realidade pelo espaço e no tempo (SANTOS, 2014, p. 30).

Desafiados pelos processos de entendimento quanto ao exercício do trabalho, as categorias se movimentam, transitam, se situam, se localizam, se reconhecem e buscam suas potencialidades, enviesadas pelos mais variados

¹ Estudante de Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: <andremisaka@hotmail.com>

processos de trabalho na contemporaneidade.

Intentados pelo posicionamento provocativo de Milton Santos, no princípio dessa seção textual, as potências espaciais gozam de interações as mais específicas possíveis, e, nos ângulos determinados pela geografia do detalhamento territorial urbano, as configurações populacionais interagem com o cotidiano e seus respectivos tempos históricos.

Consideramos, no entendimento da construção científica mais atual que,

“(...) a comunidade ganha *status* de mundo, pois alguns não conhecem outras regiões importantes da cidade. Assim, sua comunidade é a sua cidade, seu País. Nesse local, está a sua cotidianidade, o seu conhecimento acerca da geografia e das relações sociais do lugar. Estão também suas amizades, seus amores, sua família (...)” (ARRUDA, 2017, p. 129).

Na levada do entendimento do espaço urbano, suas interações são objetivos para exploração científica através das pesquisas acadêmicas na órbita do Serviço Social.

Enquanto trajetória histórica, com o respectivo reconhecimento dos processos de trabalho, a inscrição do Serviço Social brasileiro no cotidiano dos municípios brasileiros, eleva-o a categoria do trabalho, através da intervenção na realidade do espaço social. Lukács (1979, 1997, 2010, 2012) e Marx (2004) estabeleceram o entendimento de que o trabalho é reconhecido como atividade na qual o homem transforma a natureza e se transforma devido à práxis e a sua capacidade teleológica com significações próprias.

Na lógica de estruturação/edificação, e conseqüente apresentação de resultados do conhecimento na área do Serviço Social, através de possibilidades quiçá inovadoras, de traçar processos metodológicos um tanto distantes dos parâmetros tão usuais, tais quais as pesquisas meramente bibliográficas, sob o manto do binômio representado pela análise quantitativa dos resultados da pesquisa, traçamos, aqui, o importante desafio de construir o conhecimento a partir das observações que a Professora Dirce Harue Ueno Koga compartilha aos frequentadores do universo acadêmico, onde se deve ter “cuidado para não reproduzir na pesquisa o processo de

“colonizadores”² e sim o desenvolvimento do papel de “conscientizadores”³ sendo este o “papel que nos é exigido”.⁴

No seio do processo de aquisição e propagação do conhecimento em Serviço Social, o/a pesquisador/a não pode, jamais, desmembrar-se dos mais variados questionamentos que permeiam a pesquisa com base científica, e, parafraseando o exemplo da Professora Dirce Koga, nas relações estabelecidas ou a se estabelecerem entre “Estado e Sociedade Civil”⁵ “Quais forças têm tensionado o exercício profissional?”⁶

No campo da investigação em Serviço Social, não só o questionamento deverá ser levado em consideração, mas o como e com qual caminho metodológico será utilizado, para o traçado das ruas, esquinas e avenidas textuais de tudo o que for propor e iluminar não só nos processuais do mestrado, mas também no doutoramento acadêmico.

Em relação à profundidade do processo de exercitar o entendimento do cotidiano, e do florescer das alianças entre o decorrer da trajetória do composto orgânico fundante do Serviço Social, enquanto profissão, e as pessoas que interagem nos espaços urbanos, e, cumpre-nos iluminar qual a relação entre a sociedade e os referidos espaços.

As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essas regras variam cultural e historicamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade (CALDEIRA, 2000, p. 211).

A partir dessa constatação, a certeza de que as relações se concretizam nos grupos sociais, na lógica da estruturação da vida num viés público, e de pré-fixação no âmbito das diferenças, e, em muitos casos, no padecer da segregação.

Para a focalização das histórias que sobrevoam os espaços urbanos, e, **em alguns** casos bem específicos, o conhecimento dos sujeitos da pesquisa

² Dirce Harue Ueno Koga, Notas de Aula, Disciplina de Construção do Conhecimento em Serviço Social I, 2017 - PUC-SP

³ Vide Nota de Rodapé de n.º 1

⁴ Vide Nota de Rodapé de n.º 2

⁵ Vide Nota de Rodapé de n.º 3

⁶ Vide Nota de Rodapé de n.º 4

são fonte inesgotável de observação do social, do que se possa considerar pertencente ao território.

É notável que os territórios urbanos e suas territorialidades estão abarrotados de especificidades, e estas são categorias de análise que podem ser material de estudo.

Daniel Péricles Arruda, em sua tese de doutoramento acadêmico, descreve de forma suave, mas não menos aprofundada, acerca da história e a construção do espaço de sociabilidade, a saber, que,

Podemos encontrar histórias parecidas e contextos semelhantes, mas toda construção é peculiar. Toda comunidade tem a sua particularidade, que está até no próprio nome. Muitas são as comunidades que possuem belos nomes, mas que, na prática, não conferem com a realidade vivenciada pelos moradores (2017, p. 58).

Assim, no desvelar do processo investigativo, o grandioso desafio de demarcar no sentido das vidas que interagem no território ocupado, quem são essas pessoas, e quais suas contribuições para a demarcação do Serviço Social enquanto escala identitária no substrato da sociedade contemporânea brasileira. Desafio este o de compreender e validar a trajetória histórica dessa profissão, intrinsecamente aliada ao processo histórico das relações, tensões, e conquistas sociais brasileiras.

II A FORÇA DA IDENTIDADE PROFISSIONAL: trabalho social e o viés do tempo histórico

As subdivisões profissionais propostas pelas mais diversas categorias de trabalho na atualidade, disponibilizam um palco não só amplo, mas mágico em possibilidades, significações e ressignificações.

É nas mediações realizadas entre o tempo contemporâneo, entre este e as forças produtivas, e entre estes dois últimos fatores e a consideração do que seja pertencer à determinada categoria profissional, que tal se faz histórica. Na realidade do Serviço Social, de forma certa, precisa, e, também objetiva, não seria diferente.

Uma vertente do Serviço Social o submete à autocrítica, coloca em xeque tanto os supostos teóricos que o informam, o conteúdo ideológico do seu sistema de saber, como o significado social da sua prática. As diferentes concepções de políticas sociais que portam os diversos projetos das classes ou frações das classes sociais que a intervenção dos assistentes sociais antagoniza adquirem visibilidade para a categoria profissional (GUERRA, 2011, p. 140).

Nesse lançamento crítico proposto pela Professora Doutora Yolanda Guerra, a dose não só criativa, mas de crescente audácia em instigar a reflexão acerca do processo discursivo de construção do que é o Serviço Social, de quais suas vertentes, elementos e articulações com o tempo histórico.

A demarcação temporal para a análise concreta das estradas e condições históricas de uma determinada sociedade perpassa pelos elementos direcionadores da sociabilidade em que as populações transitam. E, permeando o fazer profissional, as passagens profissionais, aqui representadas pelo Serviço Social, e suas nuances e considerações na chamada histórica do real.

Assim, dotada de uma aplicação profunda e descritiva sobre os espaços de tempo, representados pela história e seus trajetos, Agnes Heller, tal qual o genioso Faleiros, provocará, ainda mais essa nuance mais do que colorida do que é situar a profissão em sua geografia temporal.

A teoria segundo a qual os homens fazem sua própria história, mas em condições previamente dadas, contém as teses fundamentais da concepção marxista da história: por um lado, a tese da imanência, e, por outro, a da objetividade. À primeira vista, o princípio da imanência implica no fato da teleologia, ao passo que o princípio da objetividade implica naquele da causalidade; os homens aspiram a certos fins, mas estes estão determinados pelas circunstâncias, as quais, de resto, modificam tais esforços e aspirações, produzindo desse modo resultados que divergem dos fins inicialmente colocados, etc. Mas essa distinção seria verdadeira tão-somente se ("circunstância" e "homem" fossem entidades separadas. Todavia, essas finalidades, são as relações e situações sócio-humanas, as próprias relações e situações humanas mediatizadas pelas coisas (HELLER, 2008, p. 1).

Esses estreitos laços construídos entre homem, saber e história, são os constituintes das implicações próprias do homem enquanto eterno perseguidor das suas funções pelos espaços do mundo, e este não se distancia do profundo exercício de busca identitária para com o trabalho, e seus significados

para a sociedade.

O Serviço Social, enquanto expressão profissional possui processos de trabalho bem demarcados socialmente. A Professora Maria Lúcia Martinelli, numa construção textual breve, porém extensa em significados, explicou, num parágrafo composto por palavras verdejantes de história, que:

O Serviço Social é uma profissão cuja identidade é marcadamente histórica. Seu fundamento é a própria realidade social e sua matéria-prima de trabalho são as múltiplas expressões da questão social, o que lhe confere uma forma peculiar de inserção na divisão social e técnica de trabalho. Como profissão de natureza eminentemente interventiva, que atua nas dinâmicas que constituem a vida social, participa do processo global de trabalho e tem, portanto, uma dimensão sócio-histórica e política que lhe é constitutiva e constituinte (MARTINELLI, 2011, p. 498).

Após traçarmos três notórias construções científicas, advindas de três pesquisadores, sendo que, dessas três citações acadêmicas, duas foram fruto do exercício intelectual de 02 (duas) autoras eminentemente femininas, quais sejam Maria Lúcia Martinelli e Agnes Heller, é de lançarmos luzes de que são mulheres do cosmo do saber, e, apropriadas dos tempos históricos que fundamentaram suas escritas.

E, para representar o gênero masculino, Vicente de Paula Faleiros, cientista do social também merecedor do seu trajeto ideológico e político, permeados pela criticidade e leveza de suas produções literárias. Direcionaremos uma pequena, porém, não menos importância às falas de Agnes e de Martinelli, visto que o gênero feminino será acionado textualmente, mais adiante, enquanto localizador dos sujeitos, ou melhor, das “personagens” que caminharão pelos seus passos históricos neste ensaio.

Para darmos pistas acerca da curiosidade que estas linhas e seus respectivos parágrafos pretendem despertar nos leitores e leitoras, cumpre-nos iluminarmos, que, as 03 (três) citações aqui utilizadas resultaram na reflexão final de que o homem, a mulher, ambos “fazedores” do seu tempo, estão, por conseguinte, para a história, assim como estão para o exercício do trabalho, e, por assim dizer, para o processo de trabalho o qual se identifica.

Aliados ao posicionamento do tempo, da história e do significado do trabalho enquanto composição da vida humana há uma extrema validação de

reconhecimentos quando os/as trabalhadores/as observam suas realidades, agregam sentidos e significados ao cotidiano profissional, e também pessoal, através da sua essência e condição de trabalhador/a. Essa identidade, o reconhecimento, está contido num breve questionamento científico, a saber:

Logo, a pergunta que deve ser posta é: qual grau do ser existe sem que sua existência dependa de outro? E ainda: qual grau para existir pressupõe a existência de outro? [...] Já o ser social depende desses dois graus que, juntos, perfazem o ser natural. A sua existência pressupõe a existência dos outros dois como sua base de ser (CASTRO, 2013, p. 210-211).

E, mais leve que o pássaro que, curioso, sobrevoa uma ou inúmeras realidades, visualizando-as com maior potência de amplitude, Daniel Péricles Arruda, artista e mantenedor da arte em suas mãos, nos aproximará do cotidiano, onde nos vincos das dobraduras do saber, dirá que:

O cotidiano - cenário da ação humana - nos oferece frequentemente uma gama de questões a serem pensadas para pesquisa. Alguns pensamentos podem ser simples, comuns. Outros podem ser complexos. Para entender melhor o pensamento, temos que compreender a presença e/ou ausência das palavras e dos gestos, por isso é interessante apreender o processo de produção das sombras. Se “a palavra é a sombra da ação”, entendemos que a palavra e a ação são próximas. Essa proximidade pode levar as pessoas a aceitar ou negar a realidade, ou, então, a se assustar, até mesmo, com a própria sombra (2017, p. 24).

Parece um espaço incompreensível, distante do chão o qual os/as trabalhadores/as caminham diariamente. Mas, tão pura, simples e objetivamente, e, numa escala sintética, diremos que os seres precisam, necessariamente, das manifestações do outro, e, no exercício profissional - representado aqui pela prática cotidiana do profissional com formação universitária em Serviço Social - quais elementos concretos, apresentados e exercitados na aproximação, vinculação, e reconhecimento profissionais, estabelecidos entre os/as profissionais e as pessoas as quais são atendidas diariamente, nas mais variadas interfaces das políticas públicas ofertadas pelo arcabouço estatal, mais precisamente a de Assistência Social, advirão para o reconhecimento da profissão de Assistente Social no processo histórico, institucional, e também social, e, no alargamento de uma quadra representada

pelo questionamento, sempre num viés dialético, quais repercussões rebaterão no núcleo da subjetividade humana, aliada ao contexto alienante do capital?

Dessas frases extremamente provocadoras, sequenciadamente há uma chave composta por uma ideia cheia de vinculação histórica e do contexto acadêmico, onde “não existe identidade se não existe reciprocidade”.⁷

A afirmação da Professora Maria Lúcia Martinelli resume, numa simplicidade brejeira, todo um sentido para o processo de reconhecimento profissional. Brejeira, pois, “o simples contém o complexo”⁸, e, no complexo processo de mediação do conhecimento profissional, aliado a sabedoria contida nas experiências de vida das pessoas atendidas, acompanhadas e reconhecidas pelo/a Assistente Social, a certeza de que, tais experiências dirão ao contexto profissional que “é preciso ter um chão para pisar”.⁹

Quando apontamos “o chão” que a Professora Martinelli destacou numa de suas brilhantes aulas da pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, trazemos a reflexão de que há um emaranhado não solidificado pela matéria, e que precisa ser observado, visto que ele é um composto do ser social. Essa composição é a tão desconhecida subjetividade.

Magalhães, num dos seus percursos teóricos relativos ao processo avaliativo, vai pincelar de várias cores alguns posicionamentos sobre a subjetividade. Nessa aquarela,

Uma atividade de avaliação é permanentemente tensionada por dados de objetividade e de subjetividade, que dão um tom contraditório e dialético às relações aí processadas. Independentemente da objetividade que emerge do fim imediato de uma avaliação, encontram-se implícitos nessa atividade os juízos de valor [...] O produto final de uma avaliação caracteriza sempre um parecer, não uma certeza. Sendo assim, é preciso que se tome cuidado para que os pareceres não se transformem em veredictos. Afinal [...] avaliar pode implicar também julgamento, diante das subjetividades que estão presentes numa avaliação (2011, p. 40-41, grifo nosso).

⁷ Maria Lúcia Martinelli, notas de aula da disciplina de Serviço Social e Cotidiano Profissional II, 07 de novembro de 2017, PUC-SP.

⁸ Maria Lúcia Martinelli, notas de aula do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidade - NEPI, 14 de novembro de 2017, PUC-SP.

⁹ Maria Lúcia Martinelli, notas de aula do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidade - NEPI, 14 de novembro de 2017, PUC-SP.

Para figurar enquanto complemento aos dizeres de Magalhães, novamente a brilhante Agnes Heller registrará, após um não menos importante mapeamento construtivo, que:

Para criar uma obra de valor imperecível, portanto, o artista precisa alcançar o centro mesmo da evolução humana, sua obra precisa ter uma efetiva objetividade, no sentido mais alto da palavra. E, para chegar a essa objetividade suprema, o indivíduo deve se concentrar na tarefa *única* da criação (com a ajuda da homogeneização), quer dizer, precisa se concentrar na subjetividade mais aguda (1972a, p. 125, *itálico do original*).

O exercício do trabalho, e neste ensaio, convém iluminarmos a visualização do/a profissional enquanto partícipe e reconhecedor do processo de vida, de história e de construção das facetas mais íntimas do cotidiano dos homens e das mulheres, enquanto pertencentes aos significados de sexo, gênero, e conseqüentemente suas orientações do desejo, dependerá desse constante manuseio das reflexões. Heller bem destacou em sua produção teórica, o cuidado para com tal exercício, tal qual a convenção da pureza da arte.

Para a pesquisa transpassar pelas águas profundas e intensas, contidas na riqueza que há na análise dos homens e mulheres, e suas incríveis sociabilidades e manifestações, trançadas pela presença da cultura, precisamos domar, e também flexibilizar o incrível desejo de mergulhar na riqueza contida pelos processos de descoberta e busca pelo conhecimento. É o significado máximo da ciência!

III TRABALHO SOCIAL, SOCIABILIDADES E A INTERAÇÃO COM O CONTEMPORÂNEO: traços para a composição da subjetividade profissional

Há poucos parágrafos atrás, cuja redação articula-se com esta porção construtiva, faz-se evidente destacar, mesmo que brevemente, claro, após expormos acerca da subjetividade, do exercício, e das respectivas alianças com o cotidiano profissional do/a Assistente Social, e de vida das pessoas atendidas numa determinada política pública, a qual poderemos demarcar, a

título exemplificativo a de Assistência Social, quais sentidos a figura representativa do/a Assistente Social, reverberam não só na vida e no exercício da mesma daqueles/as que acessam tal política, mas quais desses sentidos e ou representações, sedimentam a mediação entre profissional e usuário/a.

Na topografia e no mapeamento da ontologia do ser social, pautados nos processos de edificação do conhecimento de Lukács, consideraremos que:

Ao contrário, o homem torna-se um ser que dá respostas precisamente na medida em que - paralelamente ao desenvolvimento social e em proporção crescente - ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimentos e suas possibilidades de satisfazê-los; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, frequentemente bastante articuladas (LUKÁCS, 1997, p. 16-17).

Distantes da simples elevação das pessoas enquanto meros processos quantitativos, burocráticos e de quedas bruscas e horrendas para as amarras do esquecimento, a mediação do processo de reconhecimento profissional, aliada ao todo contido nos processos históricos de vida das pessoas que adentram ao exercício da escuta e nas demais possibilidades instrumentais do Serviço Social, enquanto elementos de análise do exercício profissional deverá haver a busca por elementos, exercitados pelo saber humano, para a efetivação da *práxis* profissional, o que resultará, na transformação da realidade daqueles/as que nos acessam cotidianamente.

IV MARCHAS PROFISSIONAIS PARA O TERRITÓRIO, E O DESAFIO DE CONHECER O ANTES DESCONHECIDO

*Foi nos bailes da vida ou num bar em troca de pão
Que muita gente boa pôs o pé na profissão [...]
[...] Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão
Todo artista tem que ir aonde o povo está [...]
(Milton Nascimento - Nos bailes da vida)*

O processo de investigação, circulado pelas metodologias científicas, vinculam pesquisadores/as às expressões emanadas dos grupos populacionais, no seio do concreto, onde a vida pulsa, cujas veias do saber popular, irrigam de vida os espaços urbanos e geográficos.

Para o desafio da pesquisa, Milton Nascimento, com estilo, gingado e musicalidade, aconselha aos/às desbravadores/as do cotidiano “a ir aonde o povo está”.

Lançamos aqui, a proposta metodológica de transitar pelo cotidiano popular, fazendo-se valer da metodologia da Cartografia Social. A Cartografia Social, enquanto processo metodológico de investigação faz um convite instigante, assim como a Professora Dirce Harue Ueno Koga, onde “convidamos a ir ao território”.¹⁰

Esse convite é de uma extrema carga provocativa, pois ao estar nos territórios e ou no “território usado”¹¹ o/a pesquisador/a estará lado a lado com a realidade vivenciada pelas pessoas que estão neste espaço geográfico, social, cultural e também de sociabilidades estabelecidas.

Ao destacarmos um vivo exemplo científico do processo metodológico da cartografia social, a Doutora Diana Helene Ramos, através da sua tese de doutorado “PRETA, POBRE E PUTA”: a segregação urbana na prostituição em Campinas - Jardim Itatinga, iluminou o processo e estabelecimento de vidas das prostitutas que usam o território do Jardim Itatinga, na demarcação das suas experiências concretas, em estrito contato com o contexto urbano da cidade de Campinas, no interior do Estado de São Paulo.

A discussão dos mais variados elementos apresentados pela tese, estabeleceu a proposta de busca do conhecimento via atemporal, que não seja *pro forma*, e que traga textualmente a participação evidente das pessoas que farão parte da pesquisa acadêmica.

Popularmente dizendo, o texto será edificado segundo o “chão de realidade” das pessoas entrevistadas, alçando-as ao universo científico, evitando, assim que o/a autor/a do trabalho científico “fale pelas mesmas”, onde se compreende como sendo um processo de pesquisa dito “substitutivo”, quando o/a pesquisador/a “transforma” o conteúdo da pesquisa, através de um processamento interpretativo individual e individualista, conectado a uma

¹⁰ Dirce Harue Ueno Koga, notas de aula, 04 de setembro de 2017, PUC-SP.

¹¹ Terminologia criada/utilizada pelo Professor e também Geógrafo Milton Santos, e apresentada aos/às alunos/as pela Professora Dirce Harue Ueno Koga, através de notas de aula da disciplina de Construção do Conhecimento em Serviço Social, do dia 25 de setembro de 2017 - PUC-SP.

verticalização sem precedentes, tornando, por assim dizer, num texto colonialista, e dispare.

Quando ousamos dignificar anteriormente Heller e Martinelli, enquanto forte presença feminina em seus respectivos processos de vida, de sociabilidade, e de parceria com a história e com o cotidiano, e, na grandiosa perspectiva de captar a essência que há na simplicidade, nos gestos, nas falas, na construção dos verbos e dos sentidos, a importante perspectiva de, através do contato, do convívio, da descoberta do espaço de sociabilidade ocupado pelos/as imigrantes/as bolivianos/as no território paulistano denominado de Praça da Kantuta, lançamos especial projeção às mulheres bolivianas.

Metodologicamente, essas fieis representantes dos povos andinos podem, dentro de um sentido de liberdade, de exercício, e de flexão de suas vidas, falarem de si, das outras, dos outros, do país de origem, do país que acolhe, ou não, de quem são, do que querem, e do que também não querem, ou acreditam não querer.

Milton Nascimento, através do inebriante exercício do canto; o Geógrafo Milton Santos, e seus mais curiosos ensinamentos acerca da geografia; e Portelli, que dispara o dardo da pesquisa até o alvo circular, representado pelo cotidiano vivenciado pelas mulheres bolivianas, oferece, enquanto possibilidade, também metodológica, o uso da História Oral, para a apreensão de tão enriquecedoras histórias de vida, atreladas a cultura do povo boliviano, cujo amálgama proposto pelos traços cosmopolitas da cidade de São Paulo, torna tal povo, especial e específico, nas territorialidades paulistanas.

Alessandro Portelli vai demonstrar àqueles que caminham pelas bases da História Oral que:

A história oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito - assim como a sociologia e a antropologia - a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele (1997, p. 15).

A História Oral combinada com a Cartografia Social vislumbrará ao/a pesquisador/a a navegação pelas profundezas de um oceano de

popularidades, onde o colorido dos comportamentos ofertará nuances aprofundadas, do espaço vivo e vivenciado. Estabelecerá a proximidade com a vida que saltam das páginas dos livros, que anteriormente, estava delimitada às palavras meramente impressas nas mais variadas produções bibliográficas.

V PEQUENAS NOTAS PARA O FIRMAMENTO DO PROCESSO DE ILUMINAÇÃO DA REALIDADE

A iluminação apresentada através da proposta metodológica da Cartografia Social, delineada propagará enriquecedora fonte de conhecimentos via participação das mulheres entrevistadas.

Permeando a essência de reconhecimento do processo de trabalho executado, depurado e ofertado pelo/a profissional do Serviço Social a população que acessa a Política Pública de Assistência Social da cidade de São Paulo, e que ressignifica enquanto “territórios usados”¹² os Distritos do Brás e Pari, cumprirá a exaltação da importância da utilização da metodologia da Cartografia Social aliada a também proposta metodológica da História Oral, para a satisfação do texto final da dissertação e ou da tese de mestrado e doutorado respectivamente pretendidos.

A Cartografia Social cunhada a História Oral, creditará ao processo de pesquisa dos “territórios usados”¹³ nos Distritos do Brás e Pari, a possibilidade de desconstrução do texto meramente cartesiano, metafísico, “quadrado”, conservador, pouco intimista e meramente “academicista”.

Essas possibilidades denotarão relevada ousadia descritiva quanto às peculiaridades do espaço urbano estudado, através da busca e evidência de curiosidades, fatos históricos, construções de sociabilidades e vínculos com o espaço urbano, fomentando, assim, o saber histórico, acadêmico, social, e de demarcação acadêmica nos estudos, que demarcarão, intensa e profundamente, cientificidade ao saber em Serviço Social.

¹² Dirce Harue Ueno Koga, notas de aula, Disciplina de Construção do Conhecimento em Serviço Social I, 2017 - PUC-SP

¹³ Dirce Harue Ueno Koga, notas de aula, Disciplina de Construção do Conhecimento em Serviço Social, 2017 – PUC-SP

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Daniel Péricles. **Cultura Hip-Hop e Serviço Social: a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica** - Daniel Péricles Arruda; orientadoras Profa. Dra. Myrian Veras Baptista (1/2013) e Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli (2/2013 a 1/2017) - São Paulo, 2017.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CASTRO, Rogério. Os 40 anos sem Lukács e o debate contemporâneo nas ciências humanas. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 114, 2013.

GUERRA, Yolanda. **A Instrumentalidade do Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2011.

HELLER, Agnes. A estética de Georg Lukács. **Revista Hora**, Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, ano 2, n. 2, 1972a.

_____. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**; tradução de Célia Neves e Alderico Torílio, 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, György. **A ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

_____. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem, in J. P. Netto (Org.). **Caderno nº 1 do Núcleo de Estudos de Aprofundamento Marxista**. São Paulo: PUC-SP, 1997.

_____. **Marxismo e teoria da literatura**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012b.

MAGALHÃES, Selma Marques. **Avaliação e Linguagem: relatórios, laudos e pareceres**. 3. ed. São Paulo: Veras, 2011.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O trabalho do assistente social em contextos hospitalares: desafios cotidianos. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo: Cortez, n. 107, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, abr. 1997.

RAMOS, Diana Helene. **Preta, Pobre e Puta**: a segregação urbana na prostituição em Campinas - Jardim Itaginga. 2015. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Homens lentos, opacidades e rugosidades. **Redobra**, Salvador, v. 9, p. 58-77, 2012.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.